

A AUTOGESTÃO REINVENTANDO PAULO FREIRE !

Claudio Nascimento *

Resumo:

Esse ensaio trata da pedagogia do trabalho associado/autogerido. Busca estabelecer relações entre a pedagogia freiriana e a pedagogia da autogestão, a partir, primeiro de algumas pistas de participação direta/indireta de Paulo Freire em debates sobre autogestão. Aborda, do ponto de vista histórico através de ‘ondas de longa, media e curta duração’, uma série de publicações sobre o tema da pedagogia do trabalho associado no Brasil, que foram definidos os princípios e conteúdos da pedagogia da autogestão. Por fim, trata do tema na Economia Solidária, através das experimentações da Rede CFES (centros de formação da economia solidária), tendo por orientações os princípios definidos de forma coletiva nas CONAES (conferências nacionais de economia solidária) ocorridas durante os Governos Lula/Dilma. Nesse sentido, várias publicações são apresentadas.

A) Pistas entre Freire e Autogestão.

Em “Reinventando Paulo Freire no século 21” (citação 1), afirma Carlos A. Torres: “Quando criamos o primeiro IPF, o próprio Paulo nos deu uma consigna: que não o repetíssemos, mas o reinventássemos” (Torres.2008.pg.43). Na verdade, Freire é reinventado a cada prática social que re-aparece na história. Singer define a “Ecosol como um ato pedagógico”: a pedagogia do trabalho associado das experimentações autogestionárias. Um novo campo da educação popular, o trabalho associado e da autogestão. E, com esse campo, a reinvenção das múltiplas pedagogias de Freire. (cita 2. Singer.2005.pg.13)

Trilhando os inúmeros verbetes do “Dicionário Paulo Freire” (2008), não encontramos um sobre ‘autogestão’ ou ‘trabalho associado’. Entretanto, quem tem uma práxis educativa com pedagogia do trabalho associado/autogestão, sabe muito bem que se trata da aplicação criativa de princípios das pedagogias freirianas/educação popular, ao campo do trabalho associado. Por exemplo, Aline Mendonça e Telmo Adams, que desenvolveram ações educativas no CFES da região Sul, afirmam sobre a pedagogia da autogestão:

“Para tanto, há um exercício de reconhecer e estimular uma pedagogia da autogestão –que significa o processo pedagógico no âmbito do trabalho associado e autogestionário- e

reconhecer e estimular uma autogestão da pedagogia –que significa ter a experiência da autogestão como referencia de processos pedagógicos e formativos sobre a economia solidaria que possuem a educação popular como base” (citação 3.Aline/Telmo-2013.pgs.260/261).

Enfim, o trabalho associado/autogerido como um novo espaço privilegiado de educação popular,dando forma a uma pedagogia da autogestão.

Não há pedagogia da autogestão sem educação popular, e não há no campo da produção associada/economia solidaria, pedagogia sem Paulo Freire. É a relação que definiu Singer: “A ligação umbilical da educação popular com a economia solidaria...”(cita 4.Gadotti.2009.p.10).

Fica no ar uma questão, ou no dizer de Freire, “uma curiosidade”: Freire fez reflexão específica sobre as experiências de Autogestão ? As experiências e lutas de trabalhador@s nos locais de trabalho ? Parece que não foi seu campo específico de reflexão.Todavia em suas muitas andanças pelo mundo, há pistas com vestígios que Freire tinha conhecimento destas lutas.

Vejamos algumas.

1=Freire, nos anos 60/70 manteve um dialogo profundo sobre educação com Ivan ILLICH em Cuernavaca/México.O dialogo centrava-se na ideia de Illich da “descolarização”/sociedade sem Escola e de Freire com o tema ‘conscientização’.Tinham muitas discordâncias sobre Escola.Todavia,Illich foi um critico radical da sociedade industrial, e com os temas da “Convivencialidade” e do “Trabalho Fantasma” aproxima-se do mundo da autogestão.*

Freire foi para Genebra em 1970 ,e o dialogo entre os dois foi interrompido. Mas, 10 anos depois, Illich encontrou-se com Freire em Genebra e na ocasião,realizaram um seminário/dialogo ,na Oficina Internacional Educação, em que foram debatidas com vários educadores as afinidades e as diferenças entre ambos.

Durante o seminário/dialogo, o pedagogo alemão Heinrich Dauber colocou o tema da autogestão, ‘a interconexão entre viver, aprender e trabalhar”, de como a ‘educação pode romper suas regras restritivas e realizar uma integração entre a “aprendizagem, a vida e o trabalho”:

“ Em Cuernavaca discutimos alguns **alguns bons exemplos de fábricas**: vocês provavelmente ouviram falar algo sobre a **greve de LIP na França**. Os trabalhadores começaram a greve e construíram uma luta política: trataram de mudar a organização do trabalho e começaram a aprender enquanto trabalhavam.Depois levaram seus filhos e mulheres à fabrica,e começaram

a viver ali também, parte do tempo, e nesta greve era muito claro que pediam algumas oportunidades de aprender : novas oportunidades de como deve ser dirigida uma fábrica. A administração oficial lhes enviou alguns professores ,que ensinavam estes temas durante 30 ou 40 anos nas escolas, porém foram recusados após três dias. Eram muito teóricos e abstratos e estavam longe do que se passava na realidade. Penso que na mesma linha vocês podem dar outros exemplos de diferentes países onde pessoas que vivem juntas –isto é, em comunidades- começaram a construir por conta própria um sistema de aprendizagem, de intercambio de conhecimento ou de intercambio de novas concepções de trabalho”(cita 5. Diálogo. 1975. pg.84).

2=No processo da Revolução dos Cravos, Portugal 1974, surgiu a BASE-FUT (Base-Frente Unitária dos Trabalhadores), a partir das ocupações de fábricas e prédios. A BASE criou uma rede de escolas de formação, uma em Lisboa, em Coimbra e no Porto. Realizou trabalho de alfabetização nas ex-Colônias portuguesas. Um dos materiais publicados para o trabalho de educação popular foi uma obra “Alfabetização Caminho para a Liberdade”. (1975). O capítulo 5 , trata-se de uma ‘tradução’ a uma linguagem simples , da obra de Freire , “A educação como prática da liberdade”(paz e terra, 1967) e chama-se “Alfabetização-Libertação segundo Paulo Freire”. É uma apresentação de 6 “ideias-força” da visão de Paulo Freire. As ideias de Freire foram a base pedagógica do Centro de Formação /Centro de Cultura Operária, da Base-Fut, os chamados ‘metodos indutivos’. A BASE desenvolveu um trabalho de formação de alfabetizadores , com objetivo de “alfabetizar na luta pela sociedade autogestionária”.

Nesse sentido, publicou um “Manual de alfabetização (para quem quer aprender com o povo)”. Um trabalho coletivo do CCO.E, “Os cristão e a libertação dos oprimidos”, dialogo com P. Freire.

O CCO surgiu nos anos 60, e se espalhou em varias regiões de Portugal, por iniciativa de trabalhadores, e nesse sentido, a autogestão foi o seu motor de animação, contribuindo para formação de líderes da revolução dos cravos.

Essa referencia à BASE-FUT é importante pq em 13 e 14 de Maio 1978, a BASE realizaria a 1ª Conferencia Nacional pelo Socialismo Autogestionário, em Lisboa , em seguida a um processo de debates preparatórios. Participaram diversos representantes de centrais sindicais e instituições educativas de vários países.

A BASE teve nessa época duas relações profundas com o Brasil: a primeira foi com a obra de Paulo Freire, a segunda com o apoio as “Oposições Sindicais” do Brasil, através de

trabalhadores exilados na Europa. Alguns participaram desta Conferencia ,e no retorno ao Brasil,com a Anistia em 1979, criaram Centros de Educação Popular que tinham como eixo temático a autogestão social.

O Documento final da Conferencia traz a seguinte nota:” **Destacamos a mensagem do Conselho Ecumenico das Igrejas ,justificando a impossibilidade de PAULO FREIRE participar na Conferencia, por se encontrar na Guiné e em Cabo Verde**”(cita 6.BASE.1978.pgs 152-153).

Como diria Lenin, Freire preferia fazer a revolução a discutir sobre ela.

3= Em 1980 , em Lima/Peru, foi realizada a Segunda “Conferencia Internacional sobre Autogestão e Participação na América Latina e Caribe”; nela vamos encontrar referencias a Paulo Freire na fala do yugoslavo JAROSLAV VANEK (Cornell Universidade) , que assessorava diversas experiências de autogestão de empresas na AL, como no Peru do general Alvarado,em 1968. Em sua fala sobre “Uma nova estratégia para a autogestão na América Latina e Cari be”:

“ os que autogestionam devem controlar tanto a tecnologia com a qual trabalham,como o processo de seu desenvolvimento e transformação(...)Relacionado com isto está a compreensão do complexo processo social, econômico e político de transição que possa conduzir desde o presente estado das nações latinoamericanas a um baseado na autogestão e autodeterminação econômica(...).As ciencias sociais têm se dedicado pouco para um melhor entendimento dos processos históricos ou dinâmicos da transição.Temos noções fragmentarias tais como as elaboradas por FREIRE, ILLICH ou outros autores(...)ter modelos prescritos é impossível,porque o processo de transição deve ser forjado e modelado juntamente com os envolvidos,o que importa é uma estratégia para incorporar-se no processo participativo de definição das formas de transição.O fundamental é a pratica coletiva emergente do verdadeiro dialogo de algum modo descentralizado.isto também requereria novas formas de dialogo, **educação freiriana**”.

“ O cidadão promedio,tanto no Norte,Centro ou Sul America,vê o sistema em que vive-a maioria capitalista ou feudal pré/capitalista- como uma regra imutável da terra, uma lei natural posta por Deus.Com esse tipo de consciência ingênua ou primitiva é muito difícil progredir em uma frente ampla, para a autogestão e,por implicação,temos em nossa frente um trabalho enorme de conscientização(...).Porém, sobre esse ponto ´podemos aprender da metodologia de Paulo Freire de pedagogia libertadora”.

“Os grupos pequenos com poucos requerimentos de inversão em capital ,e que são autogestionarios,poderão também por meio de um **dialogo criativo freiriano definir e**

determinar o processo social de transição. Tais processos dialógicos orgânicos, compreenderão a evolução natural de um processo de educação freiriano e se ligarão ORGANICAMENTE AO PROCESSO DE PRODUÇÃO, algo que talvez não foi considerado na obra de Freire. Com esta interação entre a educação e a produção – reflexão e ação – o processo pode subitamente ou de repente transformar-se em autosuficiente, crescente sem limitação de tempo e contínuo”. (cita 7. La Autogestion. 1981. pg. 455). Voltaremos a esse ponto.

Na apresentação ao capítulo V, “Estratégias para o desenvolvimento da autogestão na América Latina e Caribe”, outra referência a Freire: “Segue um ensaio que se refere ao método freiriano do diálogo como estratégia para a formação e fomento das empresas autogestionárias”. refere-se ao ensaio de Carmen Arnillas, sobre ‘METODOLOGIA FREIRIANA PARA A FORMAÇÃO E FOMENTO DE EMPRESAS AUTOGESTIONARIAS’.. A autora agradece o contato com J. Vanek e, sobretudo, “aos ensinamentos de Paulo Freire, quem nos prove com um processo viável para organizar empresas de autogestão e para educar ou ‘alfabetizar’ aos que são analfabetos ou carecem de consciências positivas ou críticas. Suas ideias e pensamentos têm sido guias primordiais na elaboração deste ensaio que agora apresento” (ibid. pg. 494). A autora apresentou uma experiência de empresa autogerida, A ENSOL, que constrói coletores solares. No final ressalta que, com o ‘método do diálogo e reflexão’ pessoas ‘poderão participar democraticamente na decisão de seus futuros, na formação de empresas autogestionárias’. Na bibliografia cita de PF, “Cartas de Guiné-Bissau”, e, “Pedagogia do Oprimido”.

Destacamos na fala de J. VANEK, o ponto em que diz ‘não encontrar na obra freiriana a relação orgânica da educação com os locais de trabalho /a produção associada/autogerida.

Voltando ao “Dicionário Paulo Freire”, no verbete sobre “Trabalho”, Maria Clara B. Fischer afirma que “Na obra de Freire o trabalho é concebido tanto na sua dimensão ontológica – como processo de humanização do ser – quanto histórica, no reconhecimento que o autor faz das suas diferentes manifestações nas sociedades humanas ao longo do tempo... De forma muito clara o trabalho aparece nos seus textos produzidos no contexto das lutas de libertação anticolonialistas e socialistas ocorridas na África nos anos 70.. É nos textos dedicados à experiência educativa em países africanos, ocorridas no período pós-revolucionário de reconstrução nacional (década de 1970), que a esfera do trabalho aparece de forma mais explícita, tanto do ponto de vista do entendimento de sua centralidade (enquanto trabalho emancipador), para reerguer, construir e implantar uma nova sociedade (socialista) quanto no

que diz respeito às relações entre *trabalho e educação*. Na experiência da Guiné-Bissau fica mais explícita a sua colaboração para o campo conhecido como pedagogia do trabalho – educação revolucionária dos trabalhadores – no sentido desse ser assumido abertamente como princípio educativo, formador dos seres humanos, tanto o trabalho manual como o intelectual” (cita 8. Dicionário. pgs. 413/414)

Se por uma série de razões a obra freiriana não tem sua centralidade temática na práxis dos locais de trabalho, sobretudo nas fábricas, isso não significa que suas pedagogias (que tomam o trabalho como princípio educativo do ponto de vista histórico-ontológico) não contribuam para uma pedagogia da autogestão/trabalho associada (que, na verdade, não pode se limitar ao campo do estrito processo produtivo nos locais de trabalho).

Uma visão não dialética dessa questão, pode levar a ideias como as de Diana Cobem ao afirmar que: “Mais que uma revolução proletária, o modelo de revolução de Freire é uma guerra anticolonial de libertação que conduz a um tipo de socialismo em um país”. (cita 9. Cobem. 1998. pg. 149)

A linha ontologia do trabalho, seguindo Lukacs/Mezzaros, traça um complexo de mediações que envolve a Totalidade do Metabolismo Social. E, se com Gramsci, a hegemonia nasce nas fábricas, é no nível da superestrutura que se define a disputa hegemônica.

4. No início dos anos 80, tivemos contato com a experiência de formação com bases autogestionárias, na Bélgica. Para seguir nossas pistas, vamos recorrer à obra do pedagogo autogestionário belga Jef Ulburghs. Um pioneiro na construção da pedagogia da autogestão. Jef Ulburghs desenvolveu um intenso trabalho de animação de base numa perspectiva autogestionária. Vejamos suas ideias, que são importantes para a construção de uma pedagogia da autogestão.

Ulburghs fez parte do Movimento de Animação de Base-MAB, e suas ideias foram apresentadas em seu livro “Pour une Pédagogie de l’Autogestion” (1980). Como diz na apresentação: “Este livro nasceu de uma longa experiência. Anos de luta fizeram amadurecer um método e construir uma pedagogia para uma mudança social nova na perspectiva autogestionária. Chamo esse método de ‘indutivo’.”

Sua obra porta inspiração em três pedagogos: Paulo Freire, Oskar Negt, educador e sociólogo da Escola de Frankfurt, e Joseph Cardijn, fundador da JOC. Jef diz que muito se escreveu sobre a autogestão, mas muito pouco sobre sua pedagogia: “O movimento autogestionário, ao mesmo tempo, pedagógico e político, é portador de uma dinâmica

permanente, de um processo constante de evolução em que o pensamento e a ação permitem o aprofundamento do conteúdo ideológico. O que é revolucionário não é o resultado, mas o processo para autogestão”. Vejamos suas principais ideias ,extraídas do capítulo sobre “As Alternativas Parciais “ de autogestão.(cita 10=“Por une pedagogie de l’autogestion”.pgs. 130-145/165/171-172205)

“As alternativas parciais formam de inicio os campos de ensaios limitados para autogestão.Mobilizam as massas para uma ação concreta;partindo de analises de suas necessidades, a população determina com autonomia suas ações, e no processo e de modo indutivo adquire uma formação pela autogestão”.

A experiência de autogestão na educação, para Ulburghs, parte da idéia de que “A autogestão se parece a um canteiro de construção onde os operários têm o direito de experimentar”.

A construção de um movimento pela autogestão requer animadores-educadores de base muito bem formados. Na Bélgica, desta necessidade surgiu uma ‘Universidade Operária’ com o objetivo de formar militantes de base prontos a se tornarem animadores na perspectiva de um socialismo autogestionário. Neste campo, “situa-se a tomada de consciência da base (a ‘conscientização’, segundo Paulo Freire),como uma etapa importante de um novo tipo de sociedade democrática: a autogestão”. Os dois pilares desta tomada de consciência são: uma organização autônoma e a formação permanente.”

Ulburghs fala de uma ‘cultura operária original’ relacionada a uma ‘cultura indutiva’: “sua linguagem concreta e direta é rica em símbolos... sua luta inspira também a poesia, a canção, a literatura, a religião popular, a filosofia e a política. Ela permite que uma nova forma de vida e de pensamento possa se desenvolver”. A aprendizagem, o modo de adquirir uma cultura, seja por transferência (dedução), seja por autolibertação (indução) é determinante para seu conteúdo.

Deste modo, Ulburghs parte de três mestres do pensamento indutivo: Cardjin, fundador da JOC; Paulo Freire, com seu método da ‘conscientização’ através da qual o oprimido cria sua própria linguagem, e esta linguagem é um meio de dar um nome ao futuro e permite ao oprimido de tomar em mãos sua própria vida. E, no campo sindical,a pedagogia de Oskar Negt, experimentada com Conselhos Operários de fabricas alemães.

Jef Ulburghs ,com sua equipe, estiveram em agosto de 1977,com Paulo Freire em Genebra, quando este estava exilado. “Trocamos ideias muito interessantes a propósito da ação de

base”. Também, podemos encontrar em Ulburghs, idéias de Gramsci, no sentido de que “as formas de luta de base constituem uma luta cultural”.

Qual a concepção de Ulburghs deste tipo de socialismo: “o atrativo da autogestão está no fato que a base mesma pode gerir coletivamente sua própria vida. Claro, os comitês de base em todos os setores e em todos os níveis da sociedade devem ser criados. A produção é assim gerida pelos comitês de trabalhadores eleitos por um tempo determinado e para uma função delimitada: os critérios de opção são a competência e a honestidade; estes comitês são regularmente controlados, são revogáveis e substituíveis. Eles representam os diversos ateliers, as varias categorias de idade e cada tipo de trabalho. Os comitês de fábrica estudam a repartição do trabalho, controlam a formação dos trabalhadores, assim como as grandes opções da produção. Regularmente, convocam assembléias para prestar contas de suas ações”.

Para Ulburghs, no setor da ‘re-produção’, (que chama de ‘Setor Doce’, onde as experiências alternativas podem se desenvolver com mais facilidade), “a população deverá se organizar em comitês nos setores da saúde, do bairro, dos esportes, da formação”. “Além dos vários setores, deverá haver uma intercomunicação entre os diferentes tipos de atividades sociais: um delegado do meio ambiente visitará um comitê de fábrica e vice-versa. A autogestão coerente e digna desse nome compreenderá de inicio um primeiro escalão, os comitês de base nos diferentes setores de produção e de re-produção. Em segundo lugar, os comitês se interarticulam de uma forma horizontal e intersetorial. Em terceiro lugar, eles se organizam nos diferentes níveis da sociedade: regional, nacional e internacional”.

Entre as ‘condições da autogestão’, Ulburghs coloca ‘uma educação permanente’:

“O grande perigo da autogestão é a possibilidade de concorrência, por exemplo, entre unidades de produção... A tentação corporativa pode opor os setores fortes aos setores fracos. Para evitar este risco é necessário combinar a autogestão com uma formação permanente. ao passo que a duração do trabalho diminui e que as tarefas duras são repartidas ou feitas pelas maquinas, o tempo assim ganho pode ser utilizado para a formação dos trabalhadores”.

Desta idéia, extraímos o que chamamos de “greve pedagógica”, ou “parada pedagógica”, os atores diretos do trabalho associado têm a possibilidade de utilizarem o tempo de trabalho que controlam para “rodas de conversas” (Paulo Freire) no proprio local de trabalho, pois dominam a tecnologia, ‘experimentando’ deste modo a “formação permanente”.

Em uma de suas últimas atividades educativas, P. Freire realizou uma roda de conversa com os camponeses da Usina Catende, experimentação de autogestão em empresa falida, na zona da Mata de Pernambuco. Dessa ação resultou uma “Cartilha” escrita pelos camponeses, que se acha na biblioteca do IPF/São Paulo.

Segundo Ulburghs, a formação permanente “abrange uma formação ao alcance de todos (facilitada pela computação), uma qualificação técnica pluriforme (para evitar o trabalho único e mecânico), análises políticas (para situar o objetivo da produção), e a formação moral (para favorecer a solidariedade)”.

Portanto, conclui Ulburghs: “A autogestão é, assim, impossível sem uma formação permanente que ponha o conhecimento à disposição de todos... Esta formação supõe uma dimensão política solidária e global”. (cita 10. pedagogie de l'autogestion.)

As experimentações de autogestão mobilizam os trabalhadores para uma tarefa concreta e, assim, adquirem no processo e de modo indutivo uma formação para autogestão.

5- O Instituto Paulo Freire.

A construção do IPF em 1991, faz parte desse processo em torno da Ecosol. PAUL SINGER na introdução a obra de M. Gadotti sobre a “Economia Solidária” (2009), diz que “Paulo Freire elaborou uma introdução para o programa em que demonstra sua extraordinária capacidade de desvendar o potencial desta nova maneira de praticar a economia, ao dizer que ela ‘representa algo de novo e esperançoso para o futuro da educação popular da América Latina e para uma nova ordem econômica mundial’ (cita 11. Gadotti. 2009. p. 10).

Aqui, Singer se refere ao Programa para a América Latina, elaborado em 1989 na Associação Internacional de Educação Comunitária, que teve como eixo o “fator C”: cooperação, coresponsabilidade, comunicação, comunidade, “elementos constitutivos das organizações econômicas populares-OEP”. Esse conceito de OEP vem dos estudos de Luis Razeto, sem dúvidas o pioneiro dos estudos da Ecosol, a partir das experiências alternativas surgidas no Chile pós golpe de 1973. Um dos pontos deste Programa, é da Economia Popular da Solidariedade, tendo por eixo o processo educativo-produtivo.

M. Gadotti nos diz que “O educador Paulo Freire ficou entusiasmado com o resultado da discussão e das propostas que havíamos feito e nos escreveu uma carta para introduzir o documento final do nosso programa (...) Ele nos chamou a atenção para um ponto importante

da metodologia do novo programa ...Paulo Freire manifestava uma preocupação com a sistematização das práticas e nos indicou os nomes de Oscar Jara e Sergio Martinic”(ibid.p.21).

Em 1993, Gadotti e Gutierrez publicaram um livro “Educação comunitária e educação popular”, refletindo a experiência do Programa da AIEC. Também na construção do IPF, Gadotti nos fala da influência dessa experiência nos Projetos do IPF de educação de adultos.

6-Cabe destaque a algumas experiências educativas do Coletivo “Cercle des pédagogies émancipatrices”, surgido após a morte de Freire, em seguida a dois Seminários sobre a obra freiriana, um em Recife, outro em Paris, em Maio e Setembro 2002, respectivamente.

A experiência realizada em Yucatán/México tem por eixo “ Do Ensino-aprendizagem ao Trabalho-aprendizagem”, na área rural. Foi criado um modelo de formação a partir desse eixo/categoria que constitui o ponto de partida da construção de uma pedagogia e uma dialética da capacitação, educação no e pelo trabalho. Sua concepção e metodologia partem da realidade viva do trabalho, converte o processo de trabalho em instrumento principal da aprendizagem: os conteúdos da aprendizagem propostos decorrem das características e exigências próprias do trabalho. Esta base teórica foi retomada em cursos universitários de formação de educadores de adultos. O processo de formação permitiu construir uma ‘pedagogia específica’ respondendo à uma necessidade de uma pedagogia e de uma didática específicas da capacitação dos camponeses e trabalhadores. (cita 12. Pratiques émancipatrices. 2009. pgs. 109/116)

B) A Pedagogia da produção associada/autogestão.

Há uma ampla bibliografia sobre as experiências de Ecosol no Brasil. Uma nova prática social tem sua origem e seu início. Traçamos um método de temporalidades para essa bibliografia. Uma primeira diz respeito a ‘ondas de longa duração’, uma segunda a ‘média duração’ e, por fim, uma “curta duração”. Nessa perspectiva, na Academia, ainda nos anos 80, temos a tese de Gustavo Luis Gutierrez, “Autogestão e Condições Modernas de Produção” (PUC, 1983). Ou, talvez, a primeira obra sobre o tema no Brasil, o livro de Paulo Nogueira Filho, “autogestão” (José Olímpio editora. 1969). Mas, podemos assinalar trabalhos que são pioneiros para o acúmulo da experiência do trabalho associado. Por exemplo, a pesquisa feita pela educadora BEATRIZ COSTA, do NOVA, ainda em 1983/1984, publicada pela VOZES em 1985: “O trabalhador e a produção hoje. Um ponto de vista”. Realizada através de entrevistas diretas com trabalhador@s campo/cidade de vários ramos econômicos em Pernambuco, Bahia, Rio Janeiro, São Paulo, Minas Gerais.

Ao distinguir dois tipos de situação : “a fabrica e a produção por conta própria”, Bia capta os primeiros embriões da Economia popular e solidaria .Vale salientar que nesse periodo,anos 80,poucas experimentações eram desenvolvidas nesse campo: a da CARITAS com os PACs e algumas que acompanhadas por alguns Centos Educação Popular : CEDAC,PACS,CAMP,FASE nacional.BEATRIZ ,então, aponta ‘a produção por conta propria como um campo de luta’,associado as lutas nas fabricas.Chega a nomear de “oficinas de produtores por conta própria”.E, observa que,“ têm em comum o fato de que os produtores procuram se organizar de um modo alternativo aos das instituições capitalistas”(cita 13.Beatriz.1985.p.44)

Temos ,ainda nos anos 80, a pesquisa no campo da ‘heterogestão’,de Acácia Z.Kuenzer,realizada em empresas do Paraná.”A Pedagogia da Fábrica”(1986) ,que ao pensar o processo educativo nas empresas ,define os traços do que chama de “A pedagogia da heterogestão”.Em certo ponto,Kuenzer aponta que “A utopia,portanto, está na autogestão,compreendida como o controle da produção por todos os homens,com o estabelecimento da hegemonia do trabalho sobre o Capital”.Destaca-se no campo teórico o uso das ideias de GRAMSCI.

Em seguida ,destacamos uma obra que situamos na ‘media duração’, no campo da Pedagogia da produção/trabalho associado. A obra de TIRIBA ,” ECONOMIA POPULAR e CULTURA DO TRABALHO”- UNIJUI, 2001, (antes do primeiro Governo Lula) é fundante do campo teórico da pedagogia do trabalho associado.Tiriba une experiências empiricas que acompanhou,como a fabrica Remington no Rio , cooperativa de mineiros em Criciuma, estudos sobre as experiências na Espanha revolucionaria 1936/39,pesquisa sobre 5 experiências de economia popular solidaria no Rio.Analisa as obras de três estudiosos da economia popular/solidaria: Razeto, Coraggio e Nunez.E no campo teórico articula ideias de Gramsci e P.Freire.

Aos estudos de TIRIBA , na economia popular, acrescentamos as realizadas no campo especifico das empresas de autogestão , e que já podemos situar ‘na curta duração’ (periodo do governo Lula),os estudos e pesquisas empíricas de C. Vieitez e Neusa Dal Ri .Dos três estudos ,o primeiro coincide na época com os de Tiriba, e os dois últimos já no tempo do Governo Lula/SENAES :

-Trabalho associado,Cooperativas e empresas de autogestão/2001;

-Educação democrática e trabalho associado/2008

-Protagonismos do trabalhador associado e educação/2013

E retomamos com TIRIBA e IRACY, ataves da Coletanea que organizaram sobre “Trabalho e Educação” ,em 2004 , já com apoio da SENAES.Na Introdução, Tiriba e Yracy abordam o tema “O trabalho como principio educativo no processo de produção de ‘uma outra economia’; e ,em seu ensaio , “Economia (popular) solidaria e pedagogias da produção associada”,Tiriba retoma as questões de sua obra sobre “A economia popular e a cultura do trabalho” (2001).

Em torno A Experiencia da Usina Catende, José F.de Melo Neto (UFPB), contribui com “Extensão universitária, autogestão e educação popular”(2004).

A partir desse momento, há uma extensa bibliografia temática sobre o tema da pedagogia do trabalho associado,oriunda de diversas fontes.Destacamos as obras publicadas a partir do curso de especialização “Gestão Pública e Sociedade”, em convenio com a SENAES,em 2010, trazem diversos ensaios sobre o tema da Educação e Trabalho Associado.Por exemplo, o Volume I intitulado “Gestão Pública e Sociedade”(2011) , o ensaio de Henrique T.Novaes e Mariana Castro,“Em busca de uma pedagogia da produção associada”;o Volume “Movimentos Sociais, Trabalho Associado e Educação para além do Capital” (2012),traz um capitulo sobre “O Trabalho associado e a educação nos movimentos sociais”; enfim, o Volume “Trabalho,Educação e Reprodução Social”(2011-2013/2ª edição) ,traz capitulo sobre “Trabalho Associado e educação no Brasil”.Neste Volume há um capitulo com os seguintes ensaios:

“Experimentação autogestionaria:autogestão da pedagogia/pedagogia da autogestão”/Claudio Nascimento;

“A autogestão como magnífica escola: notas sobre educação no trabalho associado”/Henrique T. Novaes;

“A educação no contexto da economia solidarai:problemáticas para uma práxis emancipatoria”/Edi A.Benini/Elcio G. Benini/Juliana C.Ipolitto;

“Educação ,trabalho e autogestão: limites e possibilidades da economia solidaria”/Ioli G. Wirth/Lais Fraga/Henrique T. Novaes.

Podemos também citar o livro de Telmo Adams, “Educação e economia popular e solidaria/mediações pedagógicas do trabalho associado”(2010).Marcos Arruda,com “Educação para uma economia do Amor” (2009) ,traçou elementos importantes sobre “educação da práxis”.

C= a pedagogia do CFES

Aline Mendonça e Telmo Adams , refletindo sobre a experiência pedagógica da economia solidária do Brasil , a partir do “potencial emancipatório do trabalho associado e autogestionário” , afirmam que , junto com o movimento da economia solidária ,o FBES tem estimulado (FBES),vem provocando uma serie de questionamentos em torno das dimensões educativas do trabalho associado (...).Para tanto, há um exercício de reconhecer e estimular uma pedagogia da autogestão –que significa o processo pedagógico no âmbito do trabalho associado e autogestionário- e reconhece e estimular uma autogestão da pedagogia –que significa ter a experiencia da autogestão como referencia de processos pedagogicos e formativos sobre a economia solidaria que possuem a educação popular como base”(cita 14=ibid.260/261).

O processo de construção da linha pedagógica do CFES passou por duas Oficinas nacionais metodológicas.a 1ª ocorreu em 2005 , por iniciativa da SENAES/FBES, reunindo 40 experiencias/educadores de todo o pais.O tema central foi a metodologia e os conteúdos na economia solidaria , a partir do que estava sendo feito no Brasil.A 2ª oficina foi em 2007, e teve como eixo a a construção da rede de educação e educadores/CFES.Nesta 2ª oficina, o tema da autogestão surge como “ Deve-se avaliar a adequação da arquitetura para dinâmicas mais igualitárias entre formador e formandos que facilitem a troca e a participação autogestionada.Priorizar os espaços de trabalho e convívio dos trabalhadores e trabalhadoras nos processos de formação,como por exemplo, *o chão de fabrica*”.(cita 15=FBES,2007.p.10)

Aline e Telmo destacam as varias Oficinas de Educação em economia solidaria .Em 2010,a 2ª Oficina deste tipo definia a formação na ecosol com base na educação popular e pedagogias/metodologias voltadas para autogestão.

Em 2009/2010, O CFES Nacional organizou atividades de formação de formadores para os educadores dos CFES regionais.As atividades foram coordenadas pelo CFES nacional, e tiveram assessoria de Aínda Bezerra e Claudio Nascimento.O eixo central foi a metodologia de sistematização das experiências.Havia uma necessidade de construir instrumentos diversos no campo da educação na Ecosol.A sistematização caie muito bem com o objetivo principal que era a consturção de um Rede nacional de educadores da Ecosol.Como vi mos, foi o que sugeriu Paulo Freire ao IPF.Um Caderno de Textos do 2º curso nacional de formação de formadores em economia solidaria traz o conjunto do universo temático .(CFES nacional-Caritas/Brasilia.Julho 2009).

Esse processo de construção da política de formação/educação da ecosol culminou na Conferencia temática educação e autogestão,em 11 a 13 de março 2014,parte integrante da 3ª

CONAES ,realizada em novembro do mesmo.Como podemos ver, já numa nova conjuntura política de grandes mobilizações em que já despontava no horizonte o ‘golpe ‘ que se concretizaria em 2016.

-Resoluções da Conferencia Tematica “Educação e Autogestão” (2014)

O Documento resultante da CONAES Tematica “Educação e Autogestão” é exemplar nessa perspectiva e trona-se uma referencia nos debates em torno do tema.

“Ocorre que o tema da Autogestão – e de forma subjacente, o da Participação – tem sido correntemente pontuado como um dos principais desafios no avanço da economia solidaria no Brasil, a despeito de todos os acúmulos já alcançados na sua organização nacional, **seja na perspectiva da pratica cotidiana dos EES, seja na perspectiva da organização política do movimento e do avanço nas políticas públicas**”.(Doc. da Conaes Temática-pg.5).

E que, “ Na economia solidaria, a Autogestão constitui-se princípio fundamental que orienta a oratica dos sujeitos (individuais e coletivos),seja no âmbito dos EES, na organização política dos movimentos, seja na organização e dinâmicas do desenvolvimento territorial” (ibid.pg.9).

O Documento recorre aos acúmulos da V Plenária: “A economia solidaria preconiza o trabalho como um meio de libertação humana dentro de um processo de democratização, contrapondo-se a alienação da produção nas relações do trabalho capitalista, e isto só é possível com a autogestão vivida por todas/os que a praticam. A autogestão precisa ser construída no coletivo, é um principio a ser buscado em todas as dimensões da vida(...).A autogestão é um principio da economia solidaria que pensa a transformação da organização da sociedade” (p. 9).

E que, “na percepção dos participantes da CONAES temática, a autogestão deve ser considerada como um processo em construção a partir das praticas citidianas vivenciadas pelos sujeitos da economia solidaria.Essa construção precisa dialogar com essa vivencia da autogestão em praticas educativas que se materializam, em suas diversas dimensões – pessoal,familiar,comunitária e social,no exercício da cidadania e da democracia,na tomada de decisões de forma coletiva,na propriedade coletiva dos meios de produção,nas praticas territoriais e no relacionamento entre Estado e sociedade”.(pg.9).

Nesse sentido , Singer nos ensina que “A pratica da Economia Solidaria no seio do capitalismo , nada tem de natural”, e que , “Fica claro que a pratica da economia Solidaria

exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas.essa reeducação tem de ser coletiva...”.(Inep.2005-pgs 15 e 16).E,analisando a Solidariedade nas experiencia das Empresas Recuperadas afirma :

“Ela continua essencial mesmo quando o periodo heroico é superado,pois um empreendimento coletivo exige a efetiva cooperação entre todos que a compõem.É nesse momento que o ato pedagógico faz-se indispensável” (Ibid-pg.20)

Nessa perspectiva ,“ A Economia Solidaria é um passo decisivo “para além” desse aprendizado pela vivencia”(ibid).

O Documento final da Conferencia temática, afirma que “Na verdade, desde a realização da primeira Plenária nacional, o movimento de economia solidaria reafirma que a EDUCAÇÃO é um eixo fundamental para o fortalecimento da Ecosol no país”. A primeira CONAES define em Resolução :” A Educação para a Economia Solidaria, seguindo os principios da solidariedade e autogestão, contribui para o desenvolvimento de um país mais justo e solidário”(ponto 81).

Voltando a Singer:” Educação e Autogestão é um par dialético intrinseco a praxis da Ecosol. Nesse sentido, é um ato pedagógico”;devemos a Paulo Freire essa afirmação lapidar: “Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos”.isso se aplica inteiramente à Economia Solidaria, enquanto ato pedagógico”.Ou que , “A Economia Solidaria é um ato pedagogico em si mesmo, na medida em que propõe nova pratica social e um entendimento novo dessa pratica”.(INEP-2005)

Educação e Autogestão

As Diretrizes Politicas Metodologicas da Resolução n. 8 do CNES (Julho 2012) subsidia a construção de políticas publicas em Ecosol. È parte de um “Termo de Referencia” que busca contribuir para maior identidade e articulação dos processos educativos em economia solidaria visando ampliar o seu potencial emancipatorio”.

Lemos no documento da CONAES Tematica: “ Segundo a Recomendação citada acima, a Educação em Economia Solidaria ‘ é uma ‘construção social’, que envolve uma diversidade de sujeitos e ações orientados para a promoção do desenvolvimento territorial sustentável que considera as dimensões econômica, ambiental, cultural, social e política”.

“O termo aponta para o reconhecimento do trabalho associado como principio educativo na construção de conhecimentos em Economia Solidaria e afirma que os processos de formação e

assessoria técnica são “inerentes à educação em Economia Solidária e, portanto, compartilham da mesma concepção”.

Antes do “Golpe” de 2016, a última formulação sobre Educação na Ecosol está contida no Caderno dos Núcleos da Rede CFES. Intitulado “Referenciais metodológicos de formação e assessoria técnica em economia solidária” (2016), destacamos o texto do núcleo educação.

Os Núcleos Temáticos do CFES nacional buscaram sistematizar a experiência acumulada em 4 campos da ecosol: educação, redes, Finanças solidárias e comercialização. Várias reuniões dos 4 Núcleos foram realizadas para discussão coletiva da elaboração dos textos. O Texto do Núcleo Educação em economia solidária buscou sistematizar o acúmulo nesse campo. Tendo elaboração final por Telmo Adams e Jose Ignacio, abordou os seguintes tópicos:

2. “O trabalho como princípio educativo da construção de conhecimentos e relações sociais e a pedagogia do trabalho associado e autogestionário”

2.1- o trabalho como princípio educativo

2.2 a construção de uma pedagogia do trabalho associado ou pedagogia da autogestão

2.3 A autogestão da pedagogia

2.4 A diversidade dos sujeitos da ecosol e as possibilidades de pedagogias da autogestão”. (Rede CFES. Brasília. 2016).

O ensaio de cada um dos 4 núcleos temáticos traz extensa bibliografia.

-Autogestão e Hegemonia.

Paul Singer, com espírito luxemburgiano, afirma que “A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesma, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento dessa prática. A única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando”.

Trazendo esta reflexão para o campo da autogestão, nos apoiamos em Maria Clara Bueno Fischer e Lia Tiriba ao dizerem que: “As experiências históricas de autogestão revelam que, no embate contra a exploração e a degradação do trabalho, não é suficiente que os trabalhadores apropriem-se dos meios de produção. Estas práticas indicam haver a necessidade de articulação dos saberes do trabalho fragmentados pelo capital e de apropriação dos instrumentos teórico-metodológicos que lhes permitiram compreender os

sentidos do trabalho e prosseguir na construção de uma nova cultura do trabalho e de uma sociedade de tipo novo.”(Dicionário Internacional.2009.pgs.293-297).

Analisando as diversas obras ,em diversos tempos, sobre a pedagogia do trabalho associado/autogestão,fica evidente que , quanto se trata de pedagogia do trabalho associado/autogestão , duas referencias são permanentes: Gramsci e Paulo Freire ; o italiano construiu sua proposta pedagógica , num primeiro momento, a partir da experiência dos Conselhos Operários em Turim e também da experiência soviética da Escola Comuna/Trabalho de Pistrak; ampliou sua visão com a construção da ideia de hegemonia/intelectual orgânico e bloco histórico; o brasileiro elaborou seu o instrumental metodológico/pedagógico a partir do trabalho como principio educativo, assentando as bases da educação popular pertinente a ideia da pedagogia da autogestão.A própria educação dos trabalhadores nos seus locais de trabalho,soma-se de forma criativa,uma formação que aborde os temas e praticas da disputa de hegemonia na sociedade.

Angelo d’ORSI ,em seu livro “Gramsciana”(2016) ressalta o nexos da paixão educativa de Gramsci com a teoria da hegemonia: define-a como uma ‘postura cultural e pedagógica” em que “ se trata de ajudar os trabalhadores ‘a sair’, apropriar-se dos instrumentos intelectuais e do conhecimento de que são privados, mas ao mesmo tempo ir a sua escola, apoderar-se da sua experiência.PEDAGOGIA BILATERAL, enfim,por uma cultura que leva à fabrica o saber produzido fora dela na longa historia, mas que guarda, sem suficiêcia alguma, mas com humildade, o saber autoctono e autonomo produzido na fabrica”.(Gramsciana.pg.153)

“Um novo tipo formativo e educativo: a necessidade para os trabalhadores de construírem uma cultura própria, base essencial para o desenvolvimento de uma consciência revolucionaria; mas,essa não é excludente, mas inclusiva, preventivamente, a aquisição de instrumentos culturais mais amplos e gerais, aqui entendendo a maior tradição cultural que precedeu o advento da classe operaria na cena mundial”.(pg.152).

O objetivo é “atraves do trabalho político, pedagógico e organizativo ,transformar os centros de vida operaria em órgãos de autogoverno da massa”,ou, “Se trata de construir uma ordem diversa, fundada na expulsão do capitalista da fabrica,no incremento da produção autogerida,com uma disciplina espontânea aceita e construída e não imposta do exterior,no esforço coletivo de realizar um conhecimento político das tarefas históricas dos trabalhadores e de seus aliados.Enfim(...),a democracia substancial com o autogoverno dos trabalhadores”.(pg.153)

Gramsci tem em mente um modelo de comunidade em que cada professor e aluno formam “dois polos do mecanismo dialético, onde a aprendizagem é recíproca”(pg.154)

Assim, Gramsci privilegia a vida e o trabalho dos Conselhos de Fábrica, vendo no conceito de democracia um lado pedagógico: a democracia operária, a democracia nova que nasce na fábrica, e que deve ser também uma Escola de Formação e Educação, política, técnica, administrativa; e, também, antropológica, para os operários(...) E no projeto da futura sociedade governada pelos produtores, segundo o modelo da fábrica autogerida, vê um largo espaço dado ao tema educativo e especificamente escolástico”(pg.154).

E' com Gramsci, que Tiriba e Fischer concluem: “Em seus escritos sobre o movimento operário ocorrido em Turim, entre 1919 e 1921, Gramsci analisa os conselhos de fábrica, afirmando que as experiências nas quais os trabalhadores têm o controle sobre a produção representam uma “escola maravilhosa de formação de experiência política e administrativa”. E que, “Na ‘escola do trabalho’ e, em especial nas vivências de trabalho associado, as pessoas atribuem sentidos ao vivido ou realizado; assim, de forma mais abrangente, é fundamental que transformem suas vivências pregressas e atuais em experiências propriamente formadoras”.(ibid)

Aqui, está sintetizada a dialética da ‘experimentação autogestionária’, a pedagogia da autogestão e a autogestão da pedagogia. A “experimentação” no campo pedagógico deverá articular estes dois elementos: o ‘espontâneo’ e ‘a vontade-direção’.

Nesta perspectiva, “a experimentação deve ser considerada como um procedimento próprio à dinâmica da autogestão”, como diz Mothé: “O espírito de experimentação consistirá em considerar que um certo número de idéias pertencem às hipóteses e podem ser postas em dúvida ou rejeitadas no curso da experimentação”. Portanto, “aceitar a incerteza da decisão coletiva e da análise da experiência implica um estado de espírito militante totalmente diferente daquele no qual somos habituados à social-democracia, o stalinismo e suas variantes esquerdistas”.(Mothé. “L'autogestion goutte à goutte”. pgs.168-177.1980)

Enfim, como disse Marx: “Hic Rhodus, hic salta”! Aqui está a rosa, aqui temos que dançar !

E, retomando outra Rosa: “As massas devem aprender a usar o poder usando o poder, não há outro modo”. “Sua educação se faz quando elas passam à ação” (ibid).

=Bibliografia:

1. Reinventando Paulo Freire no Século 21. Série Unifreire. ED, L.2008

2. Danilo R. Streck/Maria Teresa Esteban(orgs.). "Educação popular, lugar de construção social coletiva". EDITORA Vozes. 2013
3. Moacir Gadotti. "Economia Solidaria como práxis educativa". Ed, L. 2009
4. Dialogo Paulo Freire-Iván Illich. Busqueda~Celadec. Buenos Aires. 1975
5. Alfabetização caminho para a liberdade. Base-Fut.-Lisboa. 1975
6. Pelo Socialismo Autogestionário. Base-Fut. Lisboa. 1979
7. La Autogestion en America Latina y El Caribe. Santiago roca. Lima. 1981
8. Pratiques émancipatrices. actualités de Paulo Freire. Syl epe edition. 2009
9. Danilo R. Struck/Euclides Redin e Jaime J. Zitkowski(orgs.). "Dicionário Paulo Freire". Editora autentica. 2008
10. Diana Coben. "Gramsci y Freire, Héroes Radicales". Fundacion Paideia. 2001
11. M. Gadotti. "Economia solidaria como práxis pedagógica". 2009
12. Beatriz Costa. "O trabalho e a produção hoje". Vozes/NOVA. 1985
13. Jef Ulburghs. "Pour une Pedagogie de l'Autogestion". Vie Ouvriere. Bruxelles. 1980
14. Acácia Kuerzen. "Pedagogia da fábrica". Cortez editora. 1986
15. Paulo Nogueira Filho. "Autogestão". editora Jose Olimpio. 1969
16. Lia Tiriba. "Economia popular e cultura do trabalho. pedagogia(s) da produção associada". Editora Unijui. 2001
17. Candido G. Veitez/Neusa M. Dal Ri. "Trabalho associado, cooperativas e empresas de autogestão". DP&A editora. 2001
 - a. idem. "Educação democrática e trabalho associado. No MST e nas Fabricas de Autogestão". Icone editora. 2008
 - b. "Protagonismos do trabalho associado e educação". Em, "Economia solidaria e transformação social. Rumo à uma sociedade para além do Capital ?". UFRGS editora/lepe. 2013

16. Iraçá Picanço/Lia Titiba (orgs). "Trabalho e Educação. Arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária". Idéias&Letras.2004
17. José F. de Melo Neto. "Extensão Universitária, Autogestão e Educação Popular". Editora UFPB.2004
- a. Telmo Adams. "Educação e economia popular solidária". Idéias&Letras.2010
- b. Marcos Arruda. "Educação para uma economia do Amor". Idéias&Letras.2009
18. Édi A. Benini/Mauricio Sarda de Faria/H.T. Novaes/Renato Dagnino. "Gestão Pública e Sociedade". vol.1. Outras Expressões.2011
- a. Idem. "Gestão Pública e Trabalho Associado". Vol. II. ibid.2012
- b. Idem. "Movimentos Sociais, Trabalho Associado e Educação para além do Capital". Outras Expressões.2012
- c. Eraldo L. Batista/H. Novaes (orgs). "Trabalho, Educação e Reprodução Social". Canal 6.2011
19. Danilo Strack/Maria T. Esteban. "Educação Popular". Editora Vozes.2013
20. CNES. Diretrizes Políticas Metodológicas para Educação em Economia Solidária.2012
21. CONAES Temática de Economia Solidária. Educação e Autogestão. Brasília abril 2014(Documento final)
22. Lia Titiba/M. Clara B. Fischer. em, "A. D. Cattani/J. L. Laville/L. I. Gaiger/P. Hespanha (coord.). "Dicionário Internacional da Outra Economia". Coimbra. Almedina/Ces.2009
- 22a. Angelo D'Orsi. "Gramsciana. Saggi sur Antonio Gramsci". Mucchi editore.2015.
23. CFES nacional. "Caderno de Textos 2º Curso nacional de Formação de Formadores em Economia Solidária". Cáritas/SENAES. Julho 2009.
- 23.a. Rede CFES. "Referenciais Metodológicos de Formação e Assessoria Técnica em Economia Solidária". Cáritas. Brasília.2016
24. Claudio Nascimento. "Experimentação autogestionária: autogestão da pedagogia/pedagogia da autogestão". Em, "Trabalho, Educação e Reprodução Social". Canal 6/2001.
25. Daniel Mothé. "l'autogestion goutte à goutte". Éditions le centurion. Paris.1980.

*Claudio Araujo Nascimento

- Pesquisador do CIRIEC (Centro de Estudos e Pesquisa em Economia Pública e Social)
- (www.ciriec-brasil.org.br)

Escritos = www.claudioautogestao.com.br

Email=claudan@terra.com.br

cel= 51-9.8591-9449

Outubro de 2017.